

## UMA ANÁLISE NARRATIVA DA UNÇÃO DE JESUS EM BETÂNIA (Jo 12,1-8)

A NARRATIVE ANALYSIS OF JESUS IN  
BETHANY ANOINTING (Jn 12,1-8)

*Marcus Aurélio Alves Mareano\**

### RESUMO

Aplicaremos o método da análise narrativa ao texto de Jo 12,1-8. O método consiste em uma abordagem sincrônica das Escrituras, desenvolvido a partir das análises de textos da literatura universal como narrativas e com a atenção no leitor, considerando o efeito da narrativa por meio da disposição da narração. Apresentaremos sinteticamente o método da análise narrativa, a partir de Daniel Marguerat e Jean-Louis Ska, esclarecendo os principais conceitos. Em seguida, aplicaremos o método ao texto de Jo 12,1-8, delimitando a perícope, percebendo os momentos que constitui a exposição ou a situação inicial, o nó, a complicação ou a ação transformadora, o desenlace e a conclusão ou a situação final. Após a abordagem do texto bíblico, faremos uma reflexão teológica a partir dos elementos que o método nos oferece: a ação dos personagens, a focalização, o desfecho da trama, a formação do leitor implícito e a mensagem que a narrativa propõe aos atuais ouvintes do quarto evangelho.

**Palavras chave:** Análise Narrativa, Daniel Marguerat, Jean-Louis Ska, Teologia e Literatura.

Teo  
Lite  
rária



*Arquivo recebido em  
3 de setembro de 2014  
e aprovado em  
22 de novembro de 2014*

V. 4 - N. 8 - 2014

\* Possui graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2008), graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2005) e mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2011). Cursa doutorado em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia com o projeto de pesquisa "Uma estética teológica a partir das passagens hínicas do Apocalipse".

## ABSTRACT

It will be applied the method of narrative analysis to the text of John 12,1-8. The method consists of a synchronic approach of The Scripture, developed from the analysis world literature texts as narratives and with attention on the reader, considering the effect of the narrative through the narration disposition. It will be presented briefly the method of the narrative analysis from Daniel Marguerat and Jean-Louis Ska, clarifying main concepts. Then, it will be applied the method to the text of John 12, 1-8, delimiting the pericope, realizing the moments that constitute the exhibition or the initial situation, the node (inciting moment), the complication or the transforming action, the outcome and the conclusion or the final situation. After the approach of the biblical text, it will be made a theological reflection from the elements that the method offers: the action of the characters, the focus, the outcome of the plot, the formation of the implicity reader and the message that the narrative proposes to current listeners of the fourth gospel.

**Keyword:** Narrative Analysis, Daniel Marguerat, Jean-Louis Ska, Theology and Literature.

## Introdução

**D**entre as muitas formas de abordagem de um texto bíblico, hoje destacam-se as abordagens sincrônicas, que consideram o texto tal como está diante de nós. Das muitas possíveis análises, escolhemos a análise narrativa, que Marguerat (13) define da seguinte maneira: “A análise narrativa é portanto um método de leitura do texto que explora e analisa a maneira como se concretiza, nesse texto, a narrativa”.

No presente artigo, aplicaremos a análise narrativa ao episódio da unção de Jesus em Betânia no Evangelho de João com o objetivo de levantar questões mais do que trazer conclusões. Partiremos de uma delimitação da pericope a fim de definirmos nosso objeto de pesquisa; em seguida, estruturaremos o texto no esquema quinário, o esquema tradicional da análise narrativa; por fim, desenvolveremos uma teologia a partir dos elementos oferecidos pela análise narrativa. Com a ajuda de alguns comentadores, verificaremos os tesouros do relato trabalhado.

No decurso da pesquisa, a partir de Maria de Betânia, alargamos nosso horizonte para olharmos também outras mulheres em João. O ordenamento das narrativas e outros detalhes do evangelho percebidos confluem para pensarmos num itinerário de discipulado a partir das mulheres. Elas são apresentadas como discípulas, seguidoras e que apresentam o processo de profissão de fé no Cristo.

Desde a primeira mulher que contribui para que os outros discípulos cressem em Jesus (2,11), até a última mulher que anuncia aos outros discípulos que viu o Senhor (20,18), o leitor é introduzido num roteiro de fé e amor para anunciar o Evangelho. No processo, o episódio de Maria de Betânia ocupa um lugar importante por ser a última mulher da primeira parte do evangelho (1,19-12,50) e apontar para a glória tematizada na segunda parte do evangelho de João (13,1-20,31).

O gesto silencioso de Maria em Betânia nos convoca a uma autêntica fé vivida na prática e no serviço de amor ao próximo. Pela prática do amor, os discípulos de Jesus serão reconhecidos (13,35; 15,12), porque o Mestre os amou até o fim (13,1).

## **1 Uma delimitação da perícopes**

A primeira tarefa antes da própria análise narrativa é delimitar o relato no texto bíblico, conforme define Ska (10). O que determina o princípio e o fim de uma cena são as mudanças de tempo, espaço, personagens e temática. A partir disto, vemos uma unidade de ação no episódio da unção de Jesus em Betânia que delimitamos em Jo 12,1-8.

No primeiro versículo da perícopes, encontramos uma mudança de tempo: “seis dias antes da Páscoa” (12,1). A narrativa se situa também num novo lugar: Jesus volta a Betânia, deixando a cidade de Efraim (11,54), próxima do deserto. Inicia-se a semana final que culminará na glorificação de Jesus, a realização da sua hora.

Além de novos tempo e espaço, há mudanças de personagens e

de temática. Antes, Jesus estava em conflito com os judeus e agora na casa de Marta, Maria e Lázaro com os seus discípulos. A temática anterior era a do tumulto por causa da ressurreição de Lázaro, agora é a preparação para sua morte e ressurreição com uma unção. A partir de 12,9, os judeus voltam à cena com Jesus numa nova intriga por causa da ressurreição de Lázaro e de muitos que se afastavam do judaísmo e criam em Jesus.

A narrativa em João modifica o relato dos sinóticos (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Lc 7,36-50) em diversos pontos. João data o acontecimento seis dias antes da Páscoa (em Mc 14,3 não tem data); a mulher é nomeada: Maria de Betânia; a casa se enche de perfume; Judas, caracterizado como o traidor e como ladrão interessado na caixinha, critica a atitude de Maria (em Mc, alguns; em Mt, os discípulos; em Lc, o fariseu Simão); João acentua a ausência de Jesus (“a mim nem sempre tereis” 12,8) (Konings 265)<sup>1</sup>. Essas mudanças no relato estão em função da intenção teológica de João e do lugar que a narrativa ocupa no seu evangelho.

Nossa delimitação está conforme alguns comentadores (Brown, Mateos e Barreto)<sup>2</sup>. Os versículos seguintes (12,9ss) são considerados como prelúdio da morte e da última páscoa de Jesus com novos personagens e temática, além de ser um sumário da seção anterior, pois retoma a questão da ressurreição de Lázaro. No entanto, há quem considerem os vv. 9-11 uma conclusão do relato e parte desta perícopes em vez de outra perícopes (Konings e Schnakenburg). Para nossa análise e uso do método, optamos por Jo 12,1-8.

1. Sobre algumas comparações entre João e os sinóticos nos relatos de preparação para a Paixão veja Konings 264; 269; 270; 288. Sobre a comparação do episódio da unção nos sinóticos e em João: Brown 708-711.

2. Simoens (140) faz uma rara delimitação da perícopes em Jo 12,1-9, considerando o v. 9 como uma conclusão da perícopes.

## 2 Aplicação do esquema quinário<sup>3</sup>

I Exposição ou situação inicial	1 Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. 2 Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era uma dos que estavam à mesa com ele.
II Nó ou transformação	3 Então Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo.
III Complicação ou ação transformadora	4 Disse, então, Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o entregaria: 5 “por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?” 6 Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto.
IV Desenlace ou resolução	7 Disse então Jesus: “Deixai-a; ela conservará esse perfume para o dia da minha sepultura!
V Conclusão ou situação final	8 Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre tereis”.

Enquadramos acima, a perícope ao chamado esquema quinário, que decompõe o enredo da narrativa em cinco momentos sucessivos: situação inicial ou exposição, nó, complicação ou ação transformadora, desenlace ou resolução e situação final (Marguerat e Bourquin 59).

Os vv. 1-2 constituem a exposição da cena com seus dados essenciais e as primeiras informações sobre os fatos. Nestes versículos, apre-

3. Texto bíblico da edição brasileira da Bíblia de Jerusalém.

sentam-se o tempo (seis dias antes da Páscoa), os personagens (Jesus, Lázaro, Marta), seus estados (Jesus chegando de viagem e Lázaro ressuscitado), o cenário (um jantar) e as primeiras ações (Lázaro à mesa e Marta servindo). Jesus em primeiro plano (verbo no aoristo), Marta e Lázaro em segundo plano (verbos no imperfeito e participio). O v. 1b liga o presente relato ao anterior: a unção de Betânia se une à ressurreição de Lázaro na expectativa da ressurreição de Jesus.

A partir do v. 3 acontece o evento que desperta o leitor para a cena e introduz uma tensão: Maria unge os pés de Jesus com um perfume (ou unguento) e enxuga-os com seus cabelos, enchendo a casa daquele perfume<sup>4</sup>. Trata-se do momento desencadeante. Portanto, o nó ou ação transformadora.

Do v. 4 ao v. 6 mostram a sucessão de acontecimentos consequentes à ação de Maria naquele jantar. Judas se incomoda pelo fato de o perfume não ter sido vendido para dar o dinheiro aos pobres. O evangelista, como um narrador onisciente<sup>5</sup>, declara conhecer a intenção de Judas: “ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto” (12,6). A aversão de Judas à atitude de Maria prepara a explicação de Jesus sobre o acontecimento.

Jesus reage à intervenção egoísta e invejosa de Judas resolvendo a tensão (12,7). O nó é a ação de Maria em relação ao mestre Jesus e o desenlace ou clímax é a ação de Jesus contra Judas em defesa de Maria e explicando que aquilo era em vista de sua sepultura.

Por fim, como uma conclusão, Jesus ensina sobre os pobres (12,8).

4. O termo *mu,ron* (também em Mc 14,5) se refere a um perfume feito de mirra, a partir de uma goma que cresce na zona entre o centro-oeste da Arábia do Sul e o norte da Somália. Usa-se como incenso, cosmético, medicamento e para embalsamamentos. O perfume daqui é de nardo: um azeite que se obtém da raiz do nardo, uma planta que cresce no norte da Índia. Demonstra-se, com isso, a preciosidade do perfume e a grandeza do gesto de Maria. Veja Brown 706 e Schnackenburg 609.

5. O narrador onisciente sabe os sentimentos e pensamentos dos personagens. Embora seja uma noção discutida (confira Ska 44), consideramos Jo 12,6 um exemplo desse conceito.

Eles terão a atenção dos discípulos sempre, assim como foi na vida Jesus. Tão logo, Jesus se ausentará da companhia dos discípulos e o gesto de Maria já sinalizava para a hora dele.

### 3 Teologia do relato

A precisão do tempo mencionada por João nos coloca na semana da paixão, portanto no contexto pascal<sup>6</sup>. O relato acontece, provavelmente, entre a tarde sábado e o domingo, quando, pelo costume judaico, Marta já poderia servir a mesa (Brown 45). O jantar servido por Marta lembra a última ceia (13,4) e a presença de Lázaro se compara ao discípulo amado, ambos com atenção para o mestre<sup>7</sup>.

O ato de Maria, na narrativa de João, junta dois gestos: o de unguir os pés de Jesus e o de enxugá-los com os cabelos (cf. Mc 14,3-9; Lc 7,36-50). O novo perfume da ressurreição e da vida supera o mau odor da morte de Lázaro (cf. 11,39). O texto possui elementos comuns ao Cântico dos Cânticos: o perfume de nardo que se espalha (cf. Ct 1,3.12; 4,13), o ato de lavar os pés (cf. Ct 5,3) e o uso dos cabelos (cf. Ct 7,6)<sup>8</sup>. Outras semelhanças com o Cântico dos Cânticos aparecerão com Maria Madalena na manhã da ressurreição com o simbolismo das núpcias já anunciado em Caná (2,1-11).

João frisa, neste relato, a majestade de Jesus: o óleo precioso, a unção dos pés e o bom odor espalhado (Schnakenburg 610). Maria age reverente como reconhecedora da identidade de Jesus participando da majestade dele e indicando com o gesto a glória final. O majestoso unguido por Maria, em seguida, abaixar-se-á como um servo para lavar os pés dos discípulos (13,3-5).

6. Simoens aponta uma inclusão entre 12,1 e 19,31.42. Veja Simoens 469.

7. Veja Simoens 470. A palavra *dei/pnon* “ceia” aparece no evangelho de João em 12,2 e 13,2.4 e 21,20 confira Mateos e Barreto 539. Também a mesma forma verbal *avnakeime,nwn* é usada para Lázaro e o discípulo amado em 13,28.

8. Veja Konings 266. Simoens vê na unção dos pés um rito nupcial (472) e encontra passagens bíblicas relacionadas 1Sm 25,41; 2Sm 11,8.

A caracterização de Judas na presente perícopa está conforme Jo 13, 2.27.29 (cf. 6,70-71). Ele é quem cuida da bolsa comum e retém para si o que seria para os pobres<sup>9</sup>. No presente relato, a crítica de Judas é fingida e parece opor a relação com Jesus e o cuidado com os pobres. De um lado o gesto terno com Jesus feito por Maria, de outro a atitude mercenária de Judas, que não se importa com os pobres (cf. Jo 10,13)<sup>10</sup>. Judas representa um contra-discípulo, ele não serve como Marta, nem se sensibiliza com o mestre como Maria, preocupa-se apenas consigo mesmo e nos possíveis benefícios.

Na resposta de Jesus em 12,7 há um problema de crítica textual. O verbo *thre,w* (guardar, conservar, cumprir) aparece em alguns manuscritos no subjuntivo aoristo (que ela guarde) e outros no perfeito indicativo (ela guardou). A edição de Nestle-Aland faz a opção pela primeira forma (*thrh,sh| auvto,)*, enquanto a tradução da Bíblia de Jerusalém traduz por uma forma no futuro. A opção pelo uso no aoristo se aproxima mais do sentido do texto de Mc 14,8 (*evpoi,hsen* aoristo indicativo de *poie,w*). Portanto, Maria guardou o bálsamo (cumpriu o embalsamamento) antecipando o rito da sepultura. Ela prepara o corpo de Jesus para a morte e a sepultura de maneira superior a de Nicodemos, em 19,39, com cem libras de uma mistura de mirra e aloés.

Jesus continua: “sempre tereis pobres convosco”. Não significa uma preferência por Jesus e uma rejeição dos pobres, mas uma recordação de Dt 15,7.11, que ordena a preocupação com os pobres sempre.

O contraste de atitudes (Judas e Maria) está de acordo com o pensamento rabínico de então que classificava as boas obras em duas categorias: as obras de misericórdia (enterrar os mortos) e as de justiça (esmola). Conforme Brown (707), as primeiras superavam as segundas.

9. Maiores descrições de Judas: Mateos e Barreto 542.

10. Trezentos denários correspondem a quase um ano de trabalho de um lavrador, pois um denário era o que pagava por uma jornada. João gosta de apresentar coisas abundantes para enaltecer a relação com Jesus: vinho (2,6), pão (6,12-13), casa cheia de perfume (12,3). Veja Konings 267.

Logo, Maria faz algo superior ao que Judas falsamente gostaria de fazer. O conflito gerado por Judas terá seu desfecho na cruz, onde Jesus vence o mundo representado por Judas (Mateos e Barreto 544). A opção de Judas pela traição se torna derrota, enquanto a ação de Maria a faz participante da vitória de Jesus na cruz.

A família de Betânia recebia muitas visitas de pessoas vindas dos arredores de Jerusalém e queriam ver Lázaro. O sinal de Lázaro esclarece a unção e a unção em Betânia ilumina o sinal (Simoens 473). Os sumos sacerdotes que queriam matar Jesus (Jo 11,53), desejam agora matar também Lázaro (12,10), pois, por causa da ressurreição acontecida, muitos creram em Jesus (como em 10,40-42) e abandonaram o grupo dos judeus. Lázaro é protótipo da comunidade ressuscitada por Jesus, perseguida pelos judeus de então e com a vida semelhante a do mestre.

Na sequência da narrativa, Jesus entra em Jerusalém, onde inicia sua glória: Paixão Morte e Ressurreição. O leitor fica à espera dos acontecimentos para os quais a ação de Maria aponta. Com a sua prática da Lei, ela prepara o evento que será a plenitude do cumprimento da Lei em Jesus.

## Conclusão

A análise narrativa se preocupa com os efeitos produzidos pela disposição da narrativa tendo em vista o leitor implícito. A partir do relato da unção de Maria, alargamos nossa atenção para o encadeamento de mulheres em João: a mãe de Jesus (2,1-11), a samaritana (4,1-38), a adúltera (7,53-8,11)<sup>11</sup>, Marta (11,1-27), Maria de Betânia (12,1-8), a mãe de Jesus (19,25-27) e Maria Madalena (20,11-18).

As narrativas de Jesus com as mulheres nos inserem numa dinâmi-

---

11. "A perícopie da mulher adúltera é um episódio evangélico inicialmente transmitido fora do evangelho de João e mais tarde integrado nele. Falta nas cópias manuscritas dos evangelhos feitas antes do século IV d.C., e, nas cópias feitas depois desta data, encontra-se inserido em lugares diversos" (Konings 428). Não entraremos em maiores discussões sobre a autenticidade da autoria de Jo 7,53-8,11.

ca de discipulado que conduz ao reconhecimento e à profissão de fé em Cristo. Os relatos das mulheres são todos joaninos ou com toques da teologia joanina (p. ex.: a adúltera). Com todas elas Jesus dialoga, exceto Maria de Betânia, mas não as chama pelo nome próprio, apenas Maria Madalena, após a Ressurreição. Nos episódios, elas não têm marido, porém aparecem elementos esponsais em cada um dos enredos, que nos chama a atenção para Jesus como esposo simbólico das mulheres em João.

As duas mulheres nomeadas por João (Marta e Maria) antecipam e apontam para o mistério da morte e ressurreição de Jesus. Marta diz solenemente a profissão de fé em Jesus: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o filho de Deus que vem ao mundo” (11,27). Enquanto Maria proclama sua fé em Jesus como Messias, por meio de uma ação silenciosa (unção real), preparando-o para o que se sucederá: morte e ressurreição. Uma atitude inversa e superior a de quem fora convidado por Jesus (Judas), que desconhece os desígnios misteriosos de Deus. O relato se situa no encerramento do chamado “Livro dos Sinais” (1,19-12,50) e indica a glória que se manifestará logo mais no enredo (13,1-20,31).

Como Maria, a comunidade participa do mistério da morte e ressurreição de Jesus. As núpcias do Cordeiro de Deus (Jo 1,29; Ap 19,9) com a Igreja, sua esposa, vai se realizando por meio de cada relato com as mulheres. A comunidade unge o esposo e anseia o momento de entrar no leito (a cruz, a sepultura), para gozar o dom da paz do esposo (Jo 20,21).

As mulheres participam e acompanham o processo da manifestação do Filho. Por meio das narrativas de encontro de Jesus com cada uma dessas mulheres, o leitor se insere numa dinâmica mistagógica, na qual vai crescendo a compreensão e a comunhão no mistério salvífico. As mulheres creem amando e amam crendo para anunciar o amor feito carne em Jesus.

Este método nos oferece elementos valiosos para compreensão da

mensagem evangélica e nos ajuda a descortinar perspectivas. Contudo, nem todo texto se compreende a partir do esquema quinário, nem a análise narrativa encerra a compreensão de um enredo. Faz-se necessário a complementação com outros métodos. Entretanto, o mérito da consideração pelo leitor e os efeitos que o texto provoca neste deve-se à análise narrativa.

Especificamente no texto da unção de Jesus em Betânia (Jo 12,1-8), a narrativa nos desloca dos sinais feitos por Jesus para a Glória que há de se realizar. A ação de Maria e a reposta de Jesus nos ensinam que a fé em Deus se expressa na prática do amor ao próximo, especialmente os mais pobres (1Jo 3,18;4,20-21; Tg 2,17). Enfim, nossa prática cristã seja mais epifânica e menos hipócrita, com gestos que comunicam mais do que discursos vazios.

## BIBLIOGRAFIA

- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Impresso.
- Brown, Raymond. El evangelio según Juan I-XII. Madrid: Cristiandad, 1979. Impresso.
- Konings, Johan. Evangelho segundo João: amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes, 2000. Impresso.
- Marguerat, Daniel e Yvan Bourquin. Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009. Impresso.
- Mateos, J. e J. Barreto. El evangelio de Juan: Analisis lingüístico y comentario exegético. Madrid: Cristiandad, 1979. Impresso.
- Nestle-Aland. Novum Testamentum Graece. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. Impresso.
- Schackenburg, Rudolf. Il vangelo di Giovanni. Parte II. Brescia: Paideia, 1977. Impresso.
- Simoens, Yves. Selon Jean: une interprétation. V. 2. Bruxelles: Éditions de l'Études Théologiques, 1997. Impresso.
- Ska, Jean-Louis. Nuestros padres nos contaron: introducción al análisis de los relatos del Antiguo Testamento. Estella: Verbo Divino, 2012. Impresso.